

Embaixador não descarta a recessão

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Um dos mestres memoráveis que teve quando estudava Ciências Políticas em Washington, o vienense Rudolf Aller, afirmava que "as sociedades são castigadas justamente naquilo que prezam em demasia". Pergunte-se ao hoje embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, se acha que a tese é ainda verdadeira, implicando então que o Brasil deveria pagar com a recessão o seu desejo, de desenvolvimento, e ele não esconderá um sorriso.

"Sim", dirá o ex-aluno do mestre Allers. Mas ele não entrará em detalhes. Vai-se lembrar mais de seu curso de "atitudes políticas" na Universidade de Georgetown. Com certo prazer falará também de sua infância na Áustria, Hungria e Suíça. Quando passa à atualidade econômica

brasileira, o embaixador Marcílio Marques Moreira se arma de muito cuidado, prudência e diplomacia. Assim, ele recebeu este correspondente, ontem pela manhã, em Washington.

"Como o senhor vê a missão que o presidente do Banco Central, Francisco Gros, começa amanhã (hoje) em Nova York?"

Embaixador Marcílio Marques Moreira: "Acho que em sua visita o presidente do Banco Central terá uma tripla missão. A primeira: completa-do o giro com os governos dos principais países credores, inicia-se então a rodada de contatos na área privada. Era natural que isto começasse por Nova York, onde se situa a sede do Comitê, de Assessoramento dos Bancos. Assim, o presidente Gros fará então aquilo que o ministro Funaro fez em relação aos governos: definir com mais clareza o escopo e o espírito dentro do qual o Brasil tomou suas recentes medidas. A se-

gunda: acho que serão trocadas idéias, ainda preliminares, sobre as novas etapas da negociação, que evidentemente incluem subetapas e uma delas, certamente, é a das medidas de caráter temporário que dêem tranqüilidade ao Brasil, como devedor, mas também aos credores, durante o período de negociações." (Entre as medidas, o embaixador Marcílio Marques Moreira destacou os chamados **deposit facilities**, os instrumentos de depósito do principal e de juros, e também a administração de linhas de crédito de curto prazo, durante a fase transitória da negociação.)

"Finalmente", conclui o embaixador, o presidente do Banco Central, Francisco Gros, "já poderá trocar idéias em Nova York, em caráter preliminar, ainda, sobre o andamento da fase seguinte das negociações propriamente ditas".

O principal editorial do jornal **Washington Post** de anteontem comparou o exemplo do Brasil a um vírus capaz de contagiar toda a América Latina. E o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, deu declarações sobre o Brasil, na semana passada, consideradas "muito duras", condicionando financiamentos de longo prazo à existência de um novo plano econômico. O que o embaixador Marcílio Marques Moreira acha que está acontecendo?

"Acho que não me cabe comentar as declarações do presidente do Banco Mundial ou o editorial de um dos principais jornais locais. Acho que são manifestações de uma certa perplexidade, mas não vejo nem numa nem noutra, uma expressão de má vontade em relação ao País ou ao seu governo. O presidente do Banco Mundial tocou numa tecla comum a todos os países que o procuram para empréstimos do tipo de desembolso

rápido: a necessidade de um programa econômico interno, consistente e coerente. Acho que mesmo numa declaração às vezes canhestra pode-se procurar enxergar um ângulo positivo — e aí o ângulo positivo é esta ênfase sobre uma programa interno. O ministro Funaro deseja a mesma coisa, não só para que a negociação tenha êxito, mas para o êxito de sua própria política interna.

"E o papel do FMI, senhor embaixador?"

"Acho que no momento o papel do FMI terá de ser necessariamente limitado. O Brasil não rejeita, não afronta o FMI, nem dele se exclui, sendo um de seus membros fundadores. Entretanto, tivemos experiências pouco felizes, em anos recentes, e não me parece que no momento haja desejo, nem condições, nem proveito a tirar de um acordo com o FMI".



Marcílio: programa interno